



# A TAPEÇARIA *como herança viva* DA ARTE BRASILEIRA

ArPa

de 28 de maio a  
01 de junho de 2025





## **ARPA 2025**

A Galeria Frente/James Lisboa

Estande B6

No Mercado Livre Arena Pacaembu R. Capivari

Pacaembu, São Paulo - SP

**O evento ocorrerá nos seguintes dias e horários:**

de 28 a 31 de maio – das 13h às 20h30

01 de junho – das 11h às 18h

**Para mais informações e aquisição de ingressos:**

[www.arpa.art](http://www.arpa.art)



# GALERIA FRENTE NA ARPA 2025:

## A TAPEÇARIA COMO HERANÇA VIVA DA ARTE BRASILEIRA

A Galeria Frente tem o prazer de apresentar, na edição de 2025 da Feira Arpa, um encontro emblemático entre duas figuras centrais da tapeçaria artística brasileira: Genaro de Carvalho e Norberto Nicola. Ambos artistas transformaram o fazer têxtil em expressão autêntica da identidade visual do Brasil, cada um a seu modo, com percursos distintos, mas convergentes na potência plástica, simbólica e sensorial de suas obras.

Genaro de Carvalho, pioneiro da tapeçaria moderna na Bahia, foi um dos primeiros artistas brasileiros a reconhecer a força expressiva do fio como linguagem artística autônoma. Inspirado pelas vanguardas europeias e profundamente conectado às cores, formas e ritmos da cultura popular nordestina, Genaro construiu uma tapeçaria vibrante, tropical e sofisticada, onde elementos como flores, pássaros e redes de pesca tornam-se manifestações visuais da brasilidade moderna. Sua produção, ainda que interrompida precocemente, permanece como referência inquestionável da arte moderna nacional.

Norberto Nicola, por sua vez, é um dos grandes responsáveis pela consolidação da tapeçaria como linguagem contemporânea no Brasil. Sua trajetória atravessa mais de cinco décadas, marcada pela experimentação com fibras naturais, pela tridimensionalidade de suas obras e pela intensa pesquisa simbólica em torno da arte plumária indígena e das culturas ancestrais do país. Nicola não só inovou tecnicamente, aproximando a tapeçaria da escultura e da instalação, como também atuou como curador, organizador e ativador de redes artísticas, sendo figura-chave na criação das Trienais de Tapeçaria de São Paulo.







Ao reunir obras desses dois mestres, a Galeria Frente reafirma seu compromisso com a valorização da arte têxtil brasileira, entendendo-a como um campo fértil de memória, invenção e identidade. Na Arpa 2025, as tapeçarias de Genaro e Nicola revelam não apenas trajetórias individuais de excelência, mas também uma história coletiva da arte no Brasil, entre o gesto moderno e a força das tradições.

## OS PRIMEIROS FIOS DA TAPEÇARIA NO BRASIL

Muito antes da chegada dos portugueses ao território que hoje chamamos Brasil, a arte de tramar e tecer já estava profundamente enraizada na vida dos povos indígenas. Espalhados por todo o país, esses povos desenvolveram sistemas complexos de produção têxtil, com forte valor simbólico, social e estético. As tramas indígenas não apenas revestiam o corpo ou o ambiente, mas também comunicavam pertencimentos tribais, distinções de gênero, idade ou função ritual, sendo expressão de um conhecimento ancestral transmitido oralmente de geração em geração.

A produção indígena utilizava fibras naturais extraídas da vegetação nativa — como tucum, caroatá, cipós, palhas, entre outras — além de penas, sementes, ossos e corantes naturais. As técnicas eram diversas: tecelagem simples, trançados, colagens e aplicações. Os objetos criados iam muito além do vestuário: redes, mantos, cestos, adornos corporais, instrumentos musicais, utensílios cerimoniais e até estruturas arquitetônicas como as malocas. O uso do tear, embora rudimentar, permitia a criação de padrões geométricos sofisticados, muitas vezes em composições abstratas, antecipando estéticas que viriam a ser valorizadas apenas séculos depois pelas vanguardas artísticas.



No entanto, a colonização europeia, iniciada no século XVI, impôs uma ruptura a esse sistema. A cultura indígena foi em grande parte desconsiderada e marginalizada. Seus objetos têxteis passaram a ser valorizados apenas pelo seu aspecto utilitário, despojados de seu sentido simbólico. O mesmo se deu com os africanos escravizados trazidos ao Brasil, que também carregavam consigo tradições têxteis complexas. Nos tecidos africanos, cores, padrões e tramas funcionavam como linguagem — expressavam identidade étnica, status e religiosidade. Mas esses significados foram desmantelados pela violência da escravidão, que lhes retirou não só a liberdade, como também os códigos visuais que estruturavam suas sociedades.



## ENTRE FIOS E FORMAS: A CONSOLIDAÇÃO DA TAPEÇARIA ARTÍSTICA NO BRASIL NO SÉCULO XX

A trajetória da tapeçaria artística no Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XX, revela um campo de invenção visual que desafiou convenções estéticas e técnicas, reivindicando espaço dentro das artes visuais contemporâneas. O que durante séculos foi visto como atividade manual de natureza utilitária, a partir dos anos 1950 passou a ocupar lugar central em ateliês, galerias e instituições, guiado por artistas que entrelaçaram matéria, símbolo e experimentação.

No contexto pós-Segunda Guerra Mundial, o Brasil se insere em um movimento global de reformulação das artes, marcado por hibridismos e cruzamentos de linguagens. Nesse cenário, a tapeçaria passa a ser entendida não apenas como meio de reprodução de imagens, mas como forma autônoma, capaz de se afirmar no mesmo nível da pintura e da escultura. A arte têxtil deixa de ser vista como apêndice da arte decorativa e começa a se transformar em linguagem plástica de vanguarda.

A chamada “geração inaugural” da tapeçaria artística no país surge como se já estivesse plenamente formada, com domínio técnico e discursivo que a coloca em diálogo com artistas de países com longa tradição na área. Dentro desse grupo, destacam-se Jacques Douchez, francês radicado no Brasil desde 1947, e Norberto Nicola, paulistano que se aproxima da tapeçaria por meio de sua formação em pintura no Atelier-Abstração de Samson Flexor. O encontro entre os dois, em meados da década de 1950, resultou na fundação do Ateliê Douchez-Nicola, em 1959.



Movidos por inquietações artísticas e pela influência de figuras como Jean Lurçat, na França, e Genaro de Carvalho, na Bahia, os dois artistas buscaram os conhecimentos técnicos iniciais com Regina Graz, uma das precursoras da tapeçaria moderna no Brasil. Dali partiram para uma trajetória de intensa experimentação: construção de grandes teares, pesquisa de tingimentos, viagens à Europa e colaboração com tecelãs especializadas. O ateliê produziu obras marcantes, apresentadas em diversas capitais brasileiras e em importantes centros internacionais, e passou a ser referência para toda uma geração de artistas.

Desde o início, Douchez e Nicola rejeitaram a bidimensionalidade tradicional da tapeçaria mural. Percebiam nas fibras, texturas e volumes uma capacidade escultórica, explorando materiais como juta, sisal, linho, algodão, crina, palha, madeira e fibras vegetais, criando formas entrelaçadas que desafiavam a gravidade e evocavam o corpo, o rito e a natureza. Nicola, em especial, viria a aprofundar essa linguagem a partir dos anos 1970, aproximando sua obra de pesquisas sobre a arte plumária indígena, os têxteis pré-colombianos e as manifestações culturais populares brasileiras, como o carnaval e o futebol.



A parceria entre os dois artistas também ampliou o alcance institucional da tapeçaria no Brasil. Aceitando encomendas de grandes arquitetos da época, como Roberto Burle Marx, produziram obras monumentais — como o painel Vegetação do Planalto Central, com mais de 25 metros, instalado no Palácio Itamaraty. Também promoveram experimentações ao convidar artistas consagrados, como Alfredo Volpi, Di Cavalcanti e Maria Leontina, a criarem cartões para tapeçarias.



Apesar do impacto dessa fase colaborativa, a subordinação da tapeçaria à pintura gerou debates intensos. A virada estética definitiva ocorreu na XIII Bienal de São Paulo, em 1975, quando a artista croata Jagoda Buic venceu o Grande Prêmio Itamaraty com instalações têxteis de grande escala, feitas com fibras naturais. A consagração da tapeçaria como arte autônoma estava, então, firmada.

Paralelamente à atuação do ateliê paulista, outros polos têxteis se formaram pelo Brasil. No Rio Grande do Sul, Zorávia Bettiol e Yeddo Titze iniciaram núcleos criativos e pedagógicos. Em Minas Gerais, nomes como Degois e Marlene Trindade contribuíram para o fortalecimento de uma tradição local. No Rio de Janeiro, embora de forma menos estruturada, a tapeçaria se entrelaçou com influências da pop-art e das vanguardas contemporâneas.

Eventos como a I Mostra Brasileira de Tapeçaria (1974), as Trienais do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1976, 1979 e 1982) e a criação do Centro Brasileiro de Tapeçaria Contemporânea (CBTC) foram fundamentais para a legitimação dessa linguagem,

proporcionando intercâmbio entre artistas, instituições e o público. Nesses fóruns, foram debatidas as possibilidades expressivas dos fios e das fibras, não mais como ornamentos, mas como suportes para narrativas, abstrações e experimentações formais.

A tapeçaria brasileira, nas décadas de 1960 a 1990, caminhou por muitos caminhos. Alguns artistas mantiveram-se fiéis ao formato retangular e mural, com motivos florais e tropicais. Outros partiram para o tridimensional, para a abstração geométrica, para o uso de materiais inusitados e orgânicos, revelando influências indígenas, africanas, populares. Foram tecidas formas livres, flexíveis, flutuantes — verdadeiras esculturas macias, táteis, vivas.

Ao reconstituirmos essa trajetória, vemos que a tapeçaria no Brasil deixou de ser linguagem marginal para tornar-se um território fértil de invenção estética. Nas mãos de criadores visionários, ela se tornou uma forma de resistência, identidade e experimentação. Um espaço de confluência entre arte, história e materialidade.







# GENARO DE CARVALHO:

## A TAPEÇARIA COMO EXPRESSÃO DA BRASILIDADE MODERNA

No fim da década de 1940, a cena artística da Bahia começou a viver uma transformação profunda. Embora o movimento modernista já tivesse ganhado força em São Paulo com a Semana de 1922, foi nesse momento que os artistas baianos, com maturidade e uma visão própria, passaram a renovar a linguagem artística local. Genaro de Carvalho (Salvador, 1926 - 1971) foi um dos nomes que mais se destacaram nesse processo, ao lado de Mario Cravo Jr., pela ousadia em romper com os padrões acadêmicos e buscar novas formas de expressão.

Ainda jovem, Genaro viajou para Paris, onde teve contato direto com as vanguardas europeias e estudou a fundo os mestres do início do século XX, como Cézanne, Braque e Gauguin. As cores intensas dos fauvistas, em especial, deixaram marcas visíveis na sua obra. Foi também em Paris que ele conheceu a tapeçaria clássica e moderna, encantando-se pelas tradições de Aubusson e Gobelin, e pelas inovações de Jean Lurçat, que renovavam o fazer têxtil com uma abordagem artística contemporânea.

De volta à Bahia, Genaro uniu os aprendizados adquiridos na Europa com o olhar sensível para a cultura brasileira. A distância havia aguçado seu reconhecimento da riqueza natural e simbólica do Brasil. Isso se traduziu numa obra marcada pela liberdade dos traços e pelo uso exuberante das cores. Folhas, flores tropicais, girassóis, pássaros e borboletas passaram a habitar suas criações, tanto na pintura quanto na tapeçaria, formando uma identidade visual marcante e vibrante.

Sua produção têxtil foi profundamente influenciada pelo desejo de construir uma arte brasileira genuína. A tapeçaria de Genaro não se limitava às técnicas aprendidas na França: ela incorporava elementos da cultura popular e indígena. Redes de dormir, rendas nordestinas, cestos de pesca, esteiras e tramas produzidas artesanalmente pelo povo — tudo isso serviu de base para sua pesquisa estética. Em suas mãos, o ancestral se tornava contemporâneo, e o artesanal, uma forma de arte sofisticada.





Nos primeiros anos, seu trabalho enfrentou resistência. A crítica e o mercado estranharam aquela linguagem nova, que não se encaixava nos modelos europeus ou nas expectativas convencionais. Mas essa reação não durou muito. Ainda nos anos 1960, Genaro alcançou amplo reconhecimento, e suas obras passaram a circular em importantes mostras e coleções no Brasil e no exterior.

Infelizmente, sua trajetória foi interrompida de forma abrupta em 1971, quando faleceu ainda jovem, no auge da carreira. Ao contrário de seu contemporâneo Mario Cravo Jr., que teve uma longa vida produtiva, Genaro nos deixou cedo — mas com uma obra que permanece como um marco da arte moderna brasileira.

Genaro de Carvalho foi um artista que soube transformar a tapeçaria em linguagem poética e visual da tropicalidade brasileira. Sua arte é memória, cor e identidade. E continua a inspirar, como uma trama viva, as novas gerações de criadores.



## O JARDIM TROPICAL DE GENARO

Vera Novis

No final dos anos 40, paira no ar uma certa inquietação entre os jovens artistas da Bahia. O atraso de quase vinte anos em relação ao clima que antecedeu a Semana de 22 quando o mesmo se deu em São Paulo, foi compensado pelo amadurecimento das conquistas dos artistas pioneiros da Semana. Entre os jovens artistas baianos, os nomes de Genaro de Carvalho e de Mario Cravo Jr. despontam como aqueles que mais se distanciam dos cânones da linguagem acadêmica e convencional em vigor.

Ainda que distintos entre si, eles foram os dois grandes expoentes da arte moderna na Bahia e tiveram de enfrentar inicialmente a recepção negativa por parte de colecionadores, de críticos e da imprensa, pelo estranhamento que a nova linguagem causava. Mas, em poucos anos, ambos foram reconhecidos. Lamentavelmente, Genaro teve sua vida interrompida prematura e abruptamente em 1971, no auge de sua popularidade, enquanto Mario Cravo viveu até recentemente e produziu até seus últimos dias.

A trajetória de Genaro é semelhante àquela dos artistas que têm seu talento reconhecido desde cedo. O roteiro clássico: depois da exposição de alguns trabalhos na sua cidade, o jovem artista viaja







para o Rio de Janeiro e após duas ou três exposições na metrópole, ganha, do governo francês, bolsa de estudos em Paris.

O que vem depois desse ponto é que vai fazer a diferença.

O contato com o que vinham fazendo desde o início do século e com o que faziam àquela altura os contemporâneos de todas as partes do mundo em Paris provocou uma transformação profunda no jovem artista de 23 anos. Nos jornais de Salvador ele escreveu sobre Braque, Cézanne e Gauguin. Sobretudo é perceptível a influência dos fauvistas nas cores fortes. Ao mesmo tempo, Genaro entrou em contato com a tapeçaria clássica e moderna, Aubusson, Gobelin, Lurçat.

De volta à Bahia, Genaro amalgamou o “novo” visto em Paris com a brasilidade que a distância favoreceu ser vislumbrada, resultando daí a total liberdade dos traços no desenho e a explosão das cores na exuberância dos motivos das folhas e das flores, dos girassóis, dos pássaros e das borboletas, marcas da sua poética.

No gosto pela tapeçaria também foi determinante seu projeto de brasilidade com o acento na tropicalidade. Ele estudou a tapeçaria na França mas incorporou as técnicas brasileiras, nordestinas e indígenas, das tramas das rendeiras do Ceará, das redes de pescar, das redes de dormir, dos cestos utilitários de pesca dos índios e dos lavradores do campo, das esteiras das ocas e das senzalas. Enfim Genaro faz “novo” pela atualização do primitivo ancestral. Por essa razão, sua pintura e sua tapeçaria parecem tão próximas e familiares.

Essa característica da pintura e da tapeçaria segue sendo central também nos desenhos, nas colagens, nos painéis e nos murais. Genaro foi grande em todas as modalidades. apropriado dizer que grandes críticos da época se debruçaram sobre o seu trabalho: Sérgio Milliet, José Valadares, Clarival Valadares, Augusto Frederico Schmidt, entre outros. No pequeno formato merecem destaque as colagens de papéis recortados de revistas ou pintadas pelo artista,



sobre papel, cartão, tecido ou tela. As colagens eram um campo livre experimentação.

Po outro lado, e por vezes, o trabalho do artista se expandiu para grandes painéis e grandes murais, em espaço icônico da época, como o Edifício Oceania, sede do Banco Econômico, e sobretudo o grande painel do Hotel da Bahia.

Louvável essa grande exposição das obras de Genaro, depois de muitos anos fora de circulação e depois de ter sido prejudicada pela ação nefasta de dilucidares. Adequada, por estar abrigada no museu da Santa Casa da Misericórdia da Bahia cuja história nos seus

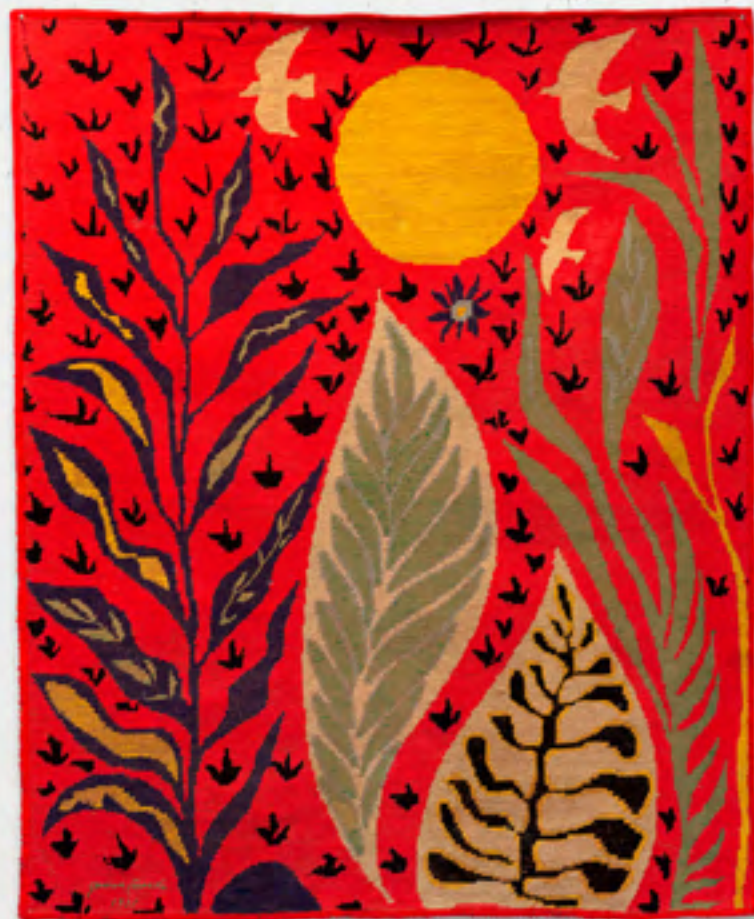
primórdios se confunde com a própria história da fundação da cidade. A exposição é a oportunidade para reavaliação da obra do artista na Bahia, sendo um passo em direção à reavaliação a nível nacional, necessária e justa.

Publicado pela primeira vez no catálogo da exposição “Genaro, Traço, Pincel e Trama”, realizada no Museu da Santa Casa da Misericórdia na Bahia em 2019. Pode ser acessado em:

<https://www.museudamisericordia.org.br/noticias/2019/09/23/museu-da-misericordia-ganha-exposicao-unica-com-obras-de-genaro-de.html>







*Pássaro e Sol II*, 1955  
tapeçaria  
131 x 104 cm  
assinatura inf. esq.

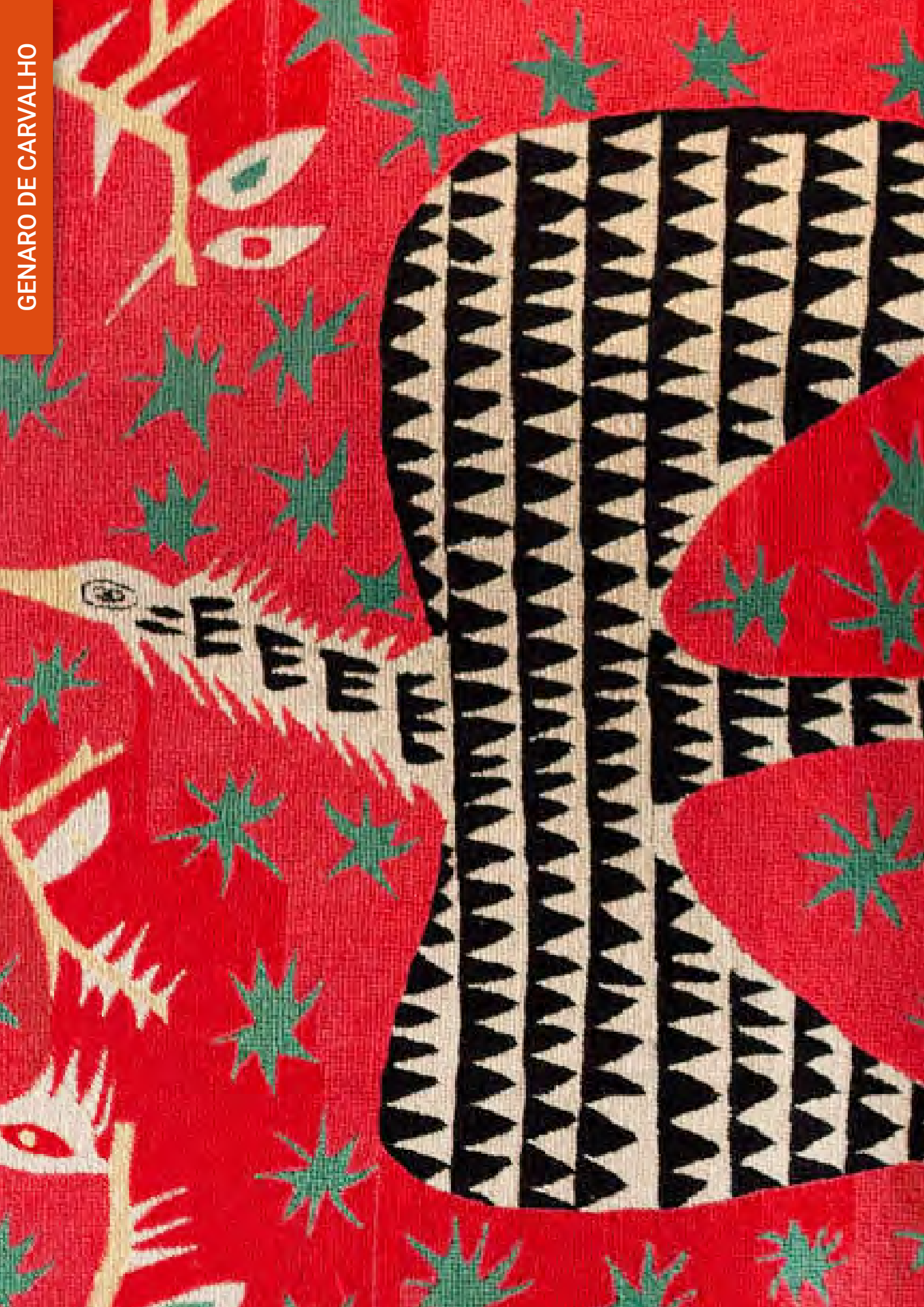
Reproduzido na Revista Manchete (RJ), ano 1956\Edição 0241 , na pág. 32. Participou da exposição "Genaro - Traço, pincel e trama", realizada no Museu da Misericórdia em Salvador, de 27 de setembro à 24 de novembro de 2019.



*Casario*, 1966  
tapeçaria  
137 x 108 cm  
assinatura inf. centro







*Pássaro solitário*  
tapeçaria  
107 x 126,5 cm  
assinatura inf. dir.





*Sem Título*  
tapeçaria  
124 x 160 cm





*Sem Título*  
tapeçaria  
94 x 127 cm  
assinatura inf. dir.

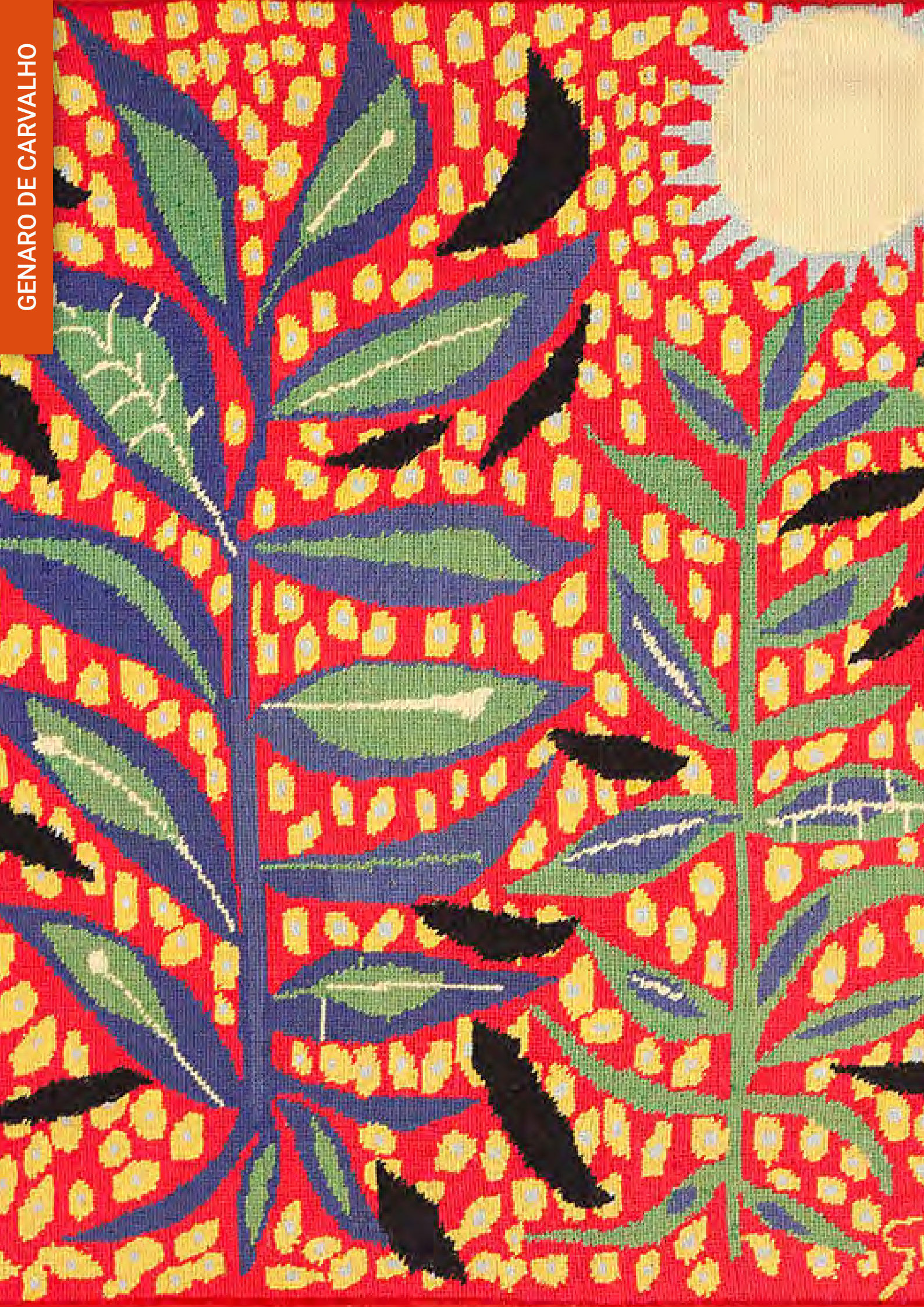






**Sem Título**  
tapeçaria  
90 x 120 cm  
assinatura inf. dir.





*Sem Título*  
tapeçaria  
104 x 133 cm  
assinatura inf. dir.





***Pássaro e Sol I***  
tapeçaria  
133 x 98 cm  
assinatura inf. esq.





*Sem Título*  
tapeçaria  
155 x 120 cm  
assinatura inf. dir.

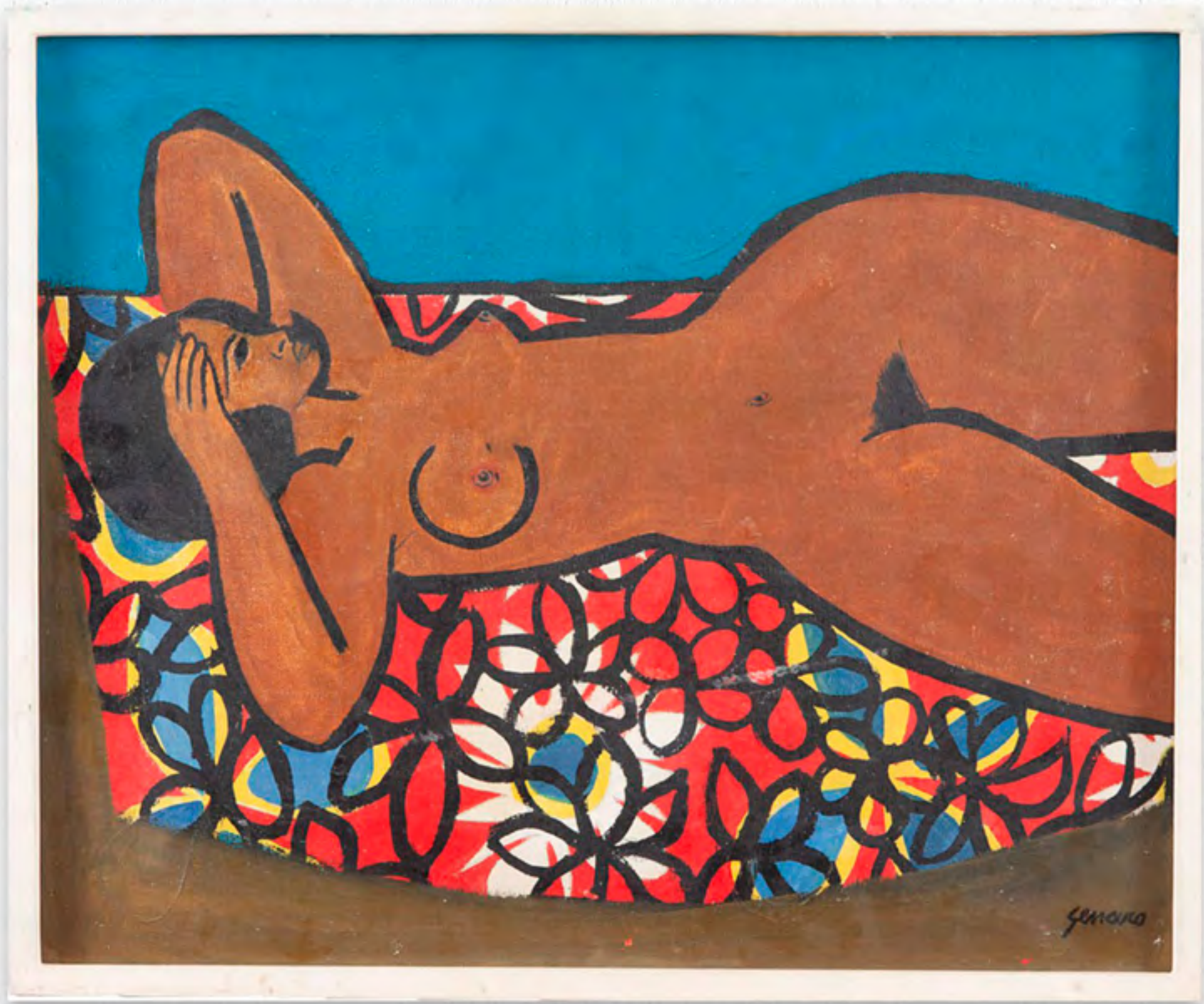




*Sem Título*  
tapeçaria  
140 x 180 cm  
assinatura inf. dir.







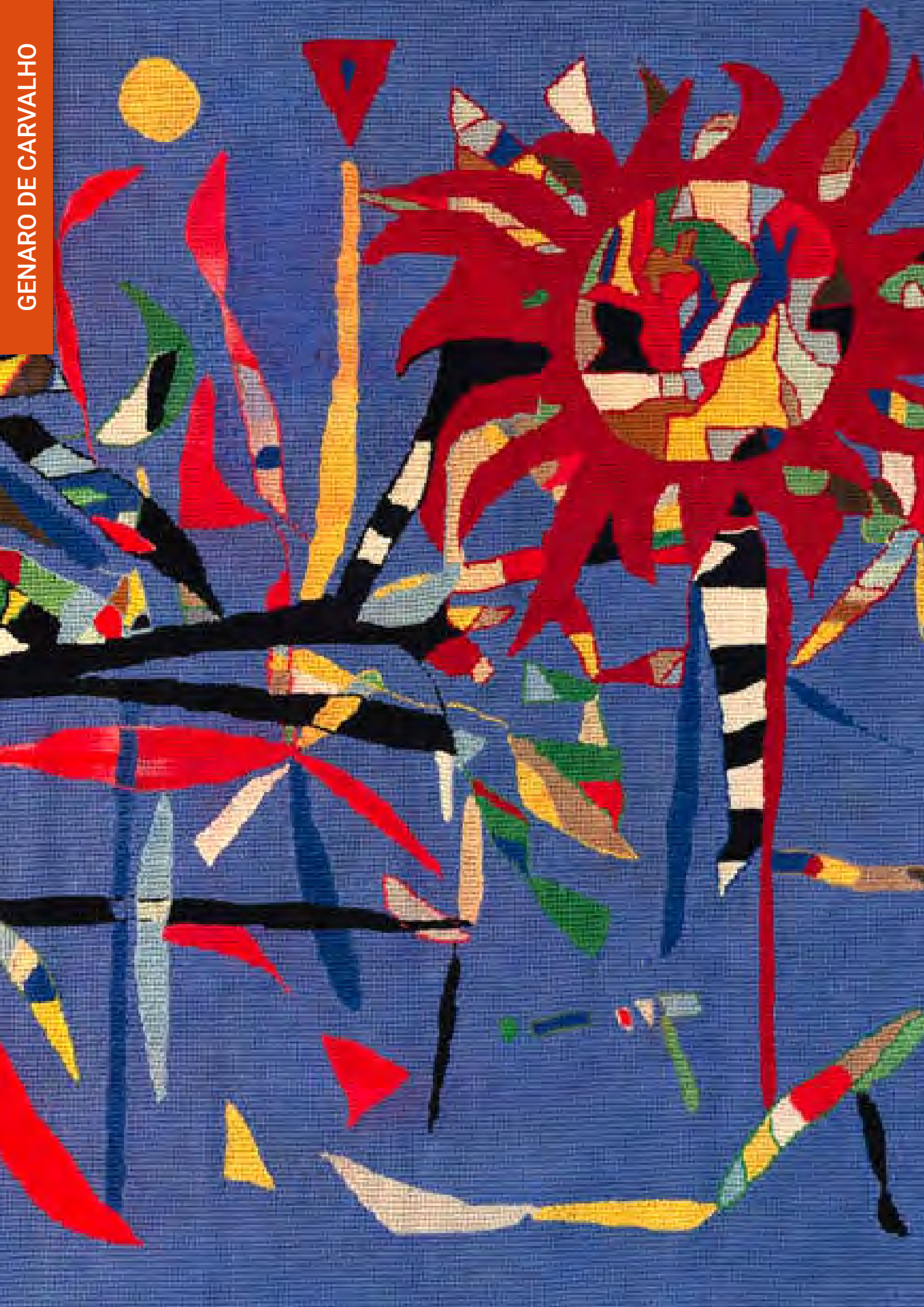
***Nu Feminino***  
óleo sobre tela  
38 x 46 cm  
assinatura inf. dir.





*Sem Título*  
tapeçaria  
182 x 211 cm  
assinatura inf. dir.





*Floral*  
tapeçaria  
95 x 132 cm  
assinatura inf. centro





*Sem Título*  
tapeçaria  
97 x 121 cm  
assinatura inf. dir.





**Sem Título**  
tapeçaria  
97 x 123 cm  
assinatura inf. esq.







*Sem Título,*  
óleo sobre tela  
46 x 54 cm  
assinatura inf. esq.





**Sem Título**  
óleo sobre madeira  
114 x 714 cm  
assinatura inf. esq.

Obra composta por 14 partes de 57 x 102 (cada).



A obra aqui apresentada, Sem Título, de Genaro de Carvalho, é um óleo sobre madeira com dimensões totais de 114 x 714 cm, composta por 14 partes de 57 x 102 cm cada. Assinada no canto inferior esquerdo, esta peça foi encomendada pelo casal Rizziero Guerra para a residência da família.

As correspondências entre Luiz Contrucci e Genaro de Carvalho, datadas de fevereiro e março de 1960, documentam o processo de produção e negociação desse mural. Os textos revelam detalhes técnicos da obra, como dimensões, materiais e divisão estrutural, bem como os trâmites financeiros e logísticos envolvidos. Além de seu valor documental, as cartas testemunham a colaboração entre artistas e engenheiros no contexto da arte moderna brasileira.





GENARO DE CARVALHO



*Sem Título*  
tapeçaria  
130 x 90 cm  
assinatura inf. dir.

SOLICITAR ORÇAMENTO





**Pássaro**  
tapeçaria  
97 x 125 x 2,5 cm  
assinatura inf. dir.







***Tapeçaria Azul***  
tapeçaria  
137 x 167 cm  
assinatura inf. esq.





*Atelier Parque Campo Grande,*  
tapeçaria  
93 x 130 cm  
assinatura ao centro

Participou da exposição “Genaro - Traço, pincel e trama”,  
realizada no Museu da Misericórdia em Salvador, de 27 de  
setembro à 24 de novembro de 2019.





***Pássaro***  
tapeçaria  
96 x 129 cm  
assinatura inf. centro

Participou da exposição "Genaro - Traço, pincel e trama",  
realizada no Museu da Misericórdia em Salvador, de 27  
de setembro à 24 de novembro de 2019.





# NORBERTO NICOLA:

## A TAPEÇARIA COMO MANIFESTO DA MATÉRIA E DO ESPÍRITO

Norberto Nicola (São Paulo, 1931 – 2007) é um dos grandes nomes da arte têxtil brasileira e latino-americana. Sua trajetória atravessa mais de cinco décadas de produção contínua, pesquisa intensa e inserção decisiva nas principais instituições e movimentos das artes visuais do Brasil. Tapeceiro por excelência, mas também desenhista, gravador, escultor e pintor, Nicola consolidou uma linguagem visual única, enraizada na matéria e no simbolismo da natureza.

Formado no curso para professores de desenho da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) e aluno do Atelier-Abstração de Samson Flexor, Nicola iniciou sua carreira artística na efervescente São Paulo dos anos 1950. Foi lá que conheceu Jacques Douchez, com quem fundou, em 1957, o Ateliê Douchez-Nicola, marco pioneiro da tapeçaria moderna brasileira. Juntos, desenvolveram uma produção que aliava os princípios do modernismo europeu a uma pesquisa de materiais e formas que falavam diretamente ao imaginário brasileiro.

A partir dos anos 1960, Norberto Nicola começa a se destacar individualmente. Em 1961, realiza uma exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), e em 1963 participa da 7ª Bienal de São Paulo — e retorna ainda nas 8ª, 9ª, 11ª e 13ª edições. Suas obras também ganharam o mundo, com exposições em instituições como a Galeria da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington, e o Museu Nacional de Belas Artes do México. Em 1973, recebe o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria tapeçaria.

Seu trabalho, ao longo do tempo, ganha contornos cada vez mais escultóricos. Das tapeçarias planas, parte para composições tridimensionais, nas quais lã, estopa, vime, linho, sisal, folhas secas, penas e cipós se entrelaçam com força quase telúrica. Há um senso tátil e orgânico em sua obra que aproxima a tapeçaria da escultura, do rito e da instalação. Peças como *Crisálida* (1980) evocam mantos cerimoniais, estruturas de asas ou corpos vegetais, numa







fusão entre o espiritual e o físico.

Paralelamente, Nicola desenvolve um trabalho fundamental como pesquisador da arte plumária brasileira. A partir dos anos 1970, começa a colecionar, estudar e divulgar essa tradição, culminando na curadoria de exposições importantes como Arte Plumária no Brasil (MAM/SP, 1980). Essa dimensão etnográfica de sua atuação reforça seu compromisso com uma arte que não apenas

representa o Brasil, mas o revela em sua complexidade ancestral.

Outro marco de sua atuação institucional é a criação da Trienal de Tapeçaria de São Paulo, cuja primeira edição acontece em 1976. O evento teve três edições e foi um importante fórum de intercâmbio entre artistas têxteis do Brasil e do exterior, consolidando Nicola como figura central na articulação e valorização da tapeçaria como linguagem contemporânea.

Nos anos 1990, com a mesma inquietação criativa de sempre, Nicola incorpora o computador ao seu processo, iniciando uma fase de gravuras digitais que revela sua abertura ao novo sem perder a raiz poética que sempre o guiou.

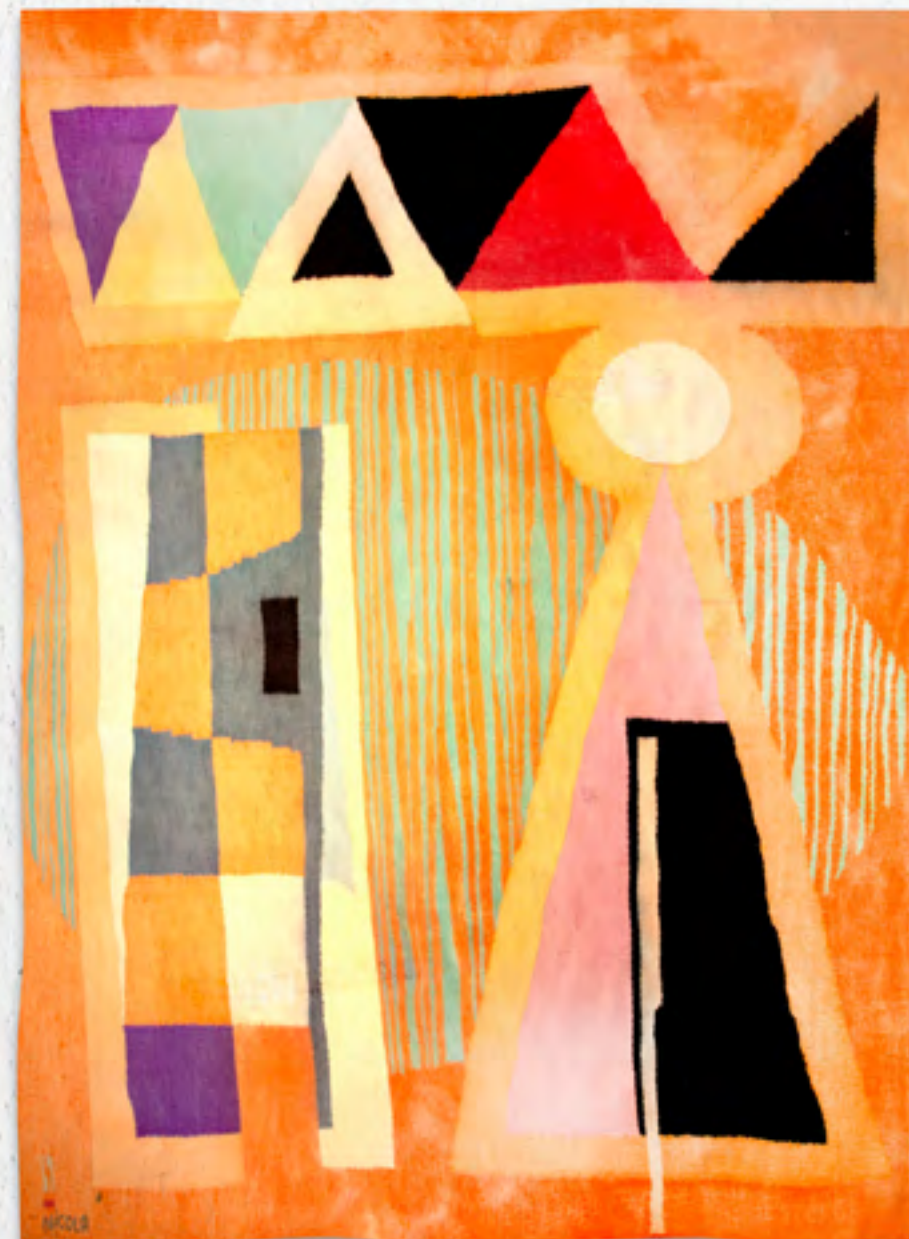
A Galeria Frente apresenta, na feira Arpa, um recorte especial dessa trajetória, com tapeçarias que evidenciam o vigor plástico e a profundidade simbólica de sua produção. Ao visitar Norberto Nicola, revisitamos não só a história da tapeçaria no Brasil, mas um pensamento artístico que une corpo, natureza e cultura em uma só trama.





***Vila Encantada***, Déc.60  
 tapeçaria  
 176 x 138 cm  
 assinatura inf. esq.

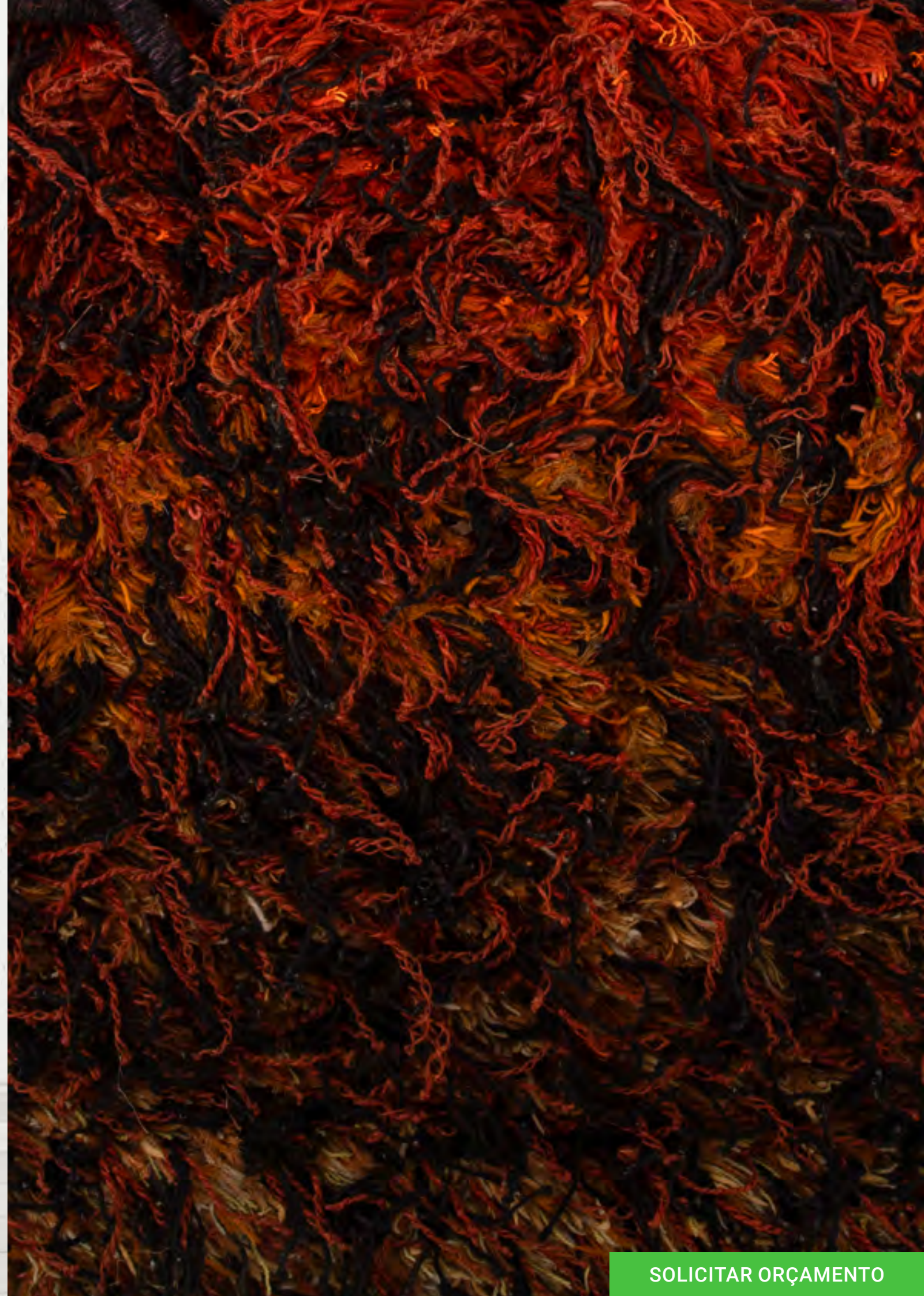
Executado pelo ateliê Douchez Nicola.







*Sem Título*, Déc. 80  
tapeçaria  
181 x 141 cm  
assinatura na peça



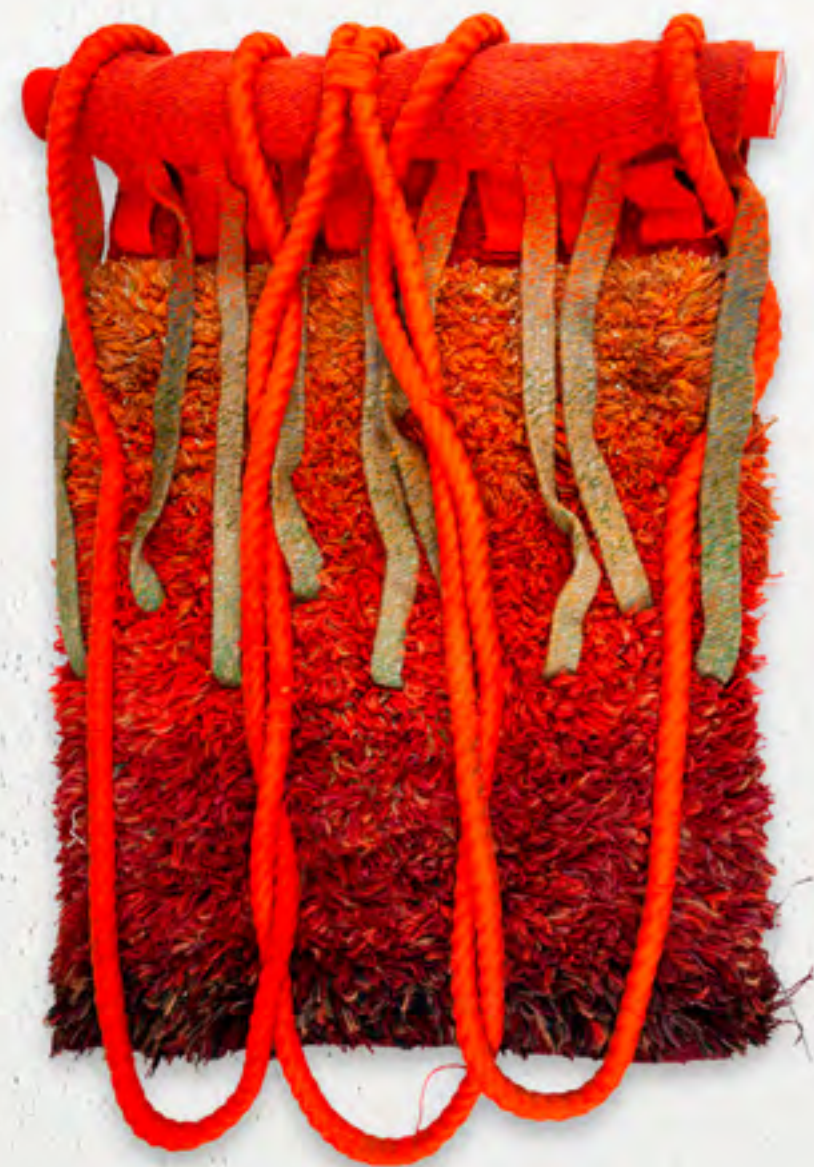




*Sem Título*  
tapeçaria  
170 x 136 cm







*Sem Título*  
tapeçaria  
165 x 134 cm





*Sem Título*  
tapeçaria  
150 x 156 cm  
assinatura inf. esq.







**Selvagem**  
tapeçaria  
160 x 60 cm  
assinatura no verso



*Jardim Serena*  
tapeçaria  
109 x 159 cm  
assinatura inf. dir.







*Sem Título*  
tapeçaria  
132 x 65 cm  
assinatura na peça







## **A Galeria Frente**

R. Dr. Melo Alves, 400

Cerqueira Cesar - São Paulo / SP

## **Contato**

E-mail: [galeriafrente@galeriafrente.com.br](mailto:galeriafrente@galeriafrente.com.br)

Tel.: (11) 3064-7575 ou 3578-5919

Whatsapp:  [\(11\) 93276-1259](https://api.whatsapp.com/send?phone=5511932761259)

## **Horário de Atendimento:**

Segunda a Quinta das 09:00 as 19:00

Sexta das 09:00 as 18:00

Sábado das 10:00 as 14:00

Fechado domingo e feriado

## **Site:**

[www.galeriafrente.com.br](http://www.galeriafrente.com.br)

## **Instagram:**

[www.instagram.com/galeriafrente](https://www.instagram.com/galeriafrente)

## **Facebook:**

[www.facebook.com/galeriafrente](https://www.facebook.com/galeriafrente)